

SABERES E FAZERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE KALUNGA DO PRATA GOIÁS: AS BENZEDEIRAS, SEUS BENZIMENTOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Valquíria Fernandes DIAS¹
Severina Alves de ALMEIDA²
Ângela Maria SILVA³
Ângela Maria Dias MORAIS⁴
Rosemeire Rezende HONDA⁵

RESUMO

Este trabalho traz o resultado de uma pesquisa com o povo Kalunga da comunidade Prata de Cavalcante de Goiás com suas histórias, seus processos de resistência, seus saberes e fazeres. Esse povo há muito tempo vem resistindo numa trajetória árdua. Uma trajetória que não foi encarada de forma nada passiva, e ainda não está sendo. Eles vêm lutando constantemente para a garantia de seus direitos e para a preservação de sua cultura. Prata é uma comunidade que tem muito de saber popular, tradicional, e isso o trazemos neste trabalho, que é o poder de curar por meio dos benzimentos. Esses saberes e fazeres quilombolas cura doenças das mais variadas formas, promove parto caseiro, dentre outros. As plantas medicinais cultivadas nos terreiros ou até mesmo nativos da região, tem um papel fundamental, que é de auxiliar na eficácia dessas ações. São saberes que foram passado de geração, por meio da observação e por via oralidade, sendo que esse costume ainda não deixou de existir nas comunidades tradicionais. O que é fundamental para a preservação dessa cultura quanto para a realização de desenvolvimento de trabalhos acadêmicos.

Palavras chave: Benzedeadas. Benzimentos. Saberes Tradicionais. Educação do Campo.

KNOWLEDGE AND KNOWLEDGE OF THE KALUNGA COMMUNITY OF SILVER GOIÁS: BENZEDEIRAS, ITS BENZIMENTOS AND ITS CONTRIBUTIONS FOR THE EDUCATION OF THE FIELD

ABSTRACT

This paper presents the results of a survey of the Kalunga people of Cavalcante Prata community of Goiás with their stories, a means of resistance, their knowledge and practices. These people long has resisted an arduous path. A path that was not seen anything passively, and is not already. They have been fighting constantly for the guarantee of their rights and the preservation of their culture. Prata is a community that has a lot to learn popular, traditional, and that we bring this work, which is the power to heal through benzimentos. These knowledge and practices maroon cure diseases in many different ways, promotes home birth, among others. Medicinal plants grown in terraces or even natives of the region, plays a key role, which is to assist in the effectiveness of these actions. Is knowledge that have been passed down from generation, through observation and through orality, and this custom has not ceased to exist in traditional communities. What is essential for the preservation of this culture as for conducting development of academic papers.

¹ Licenciada em Educação do Campo. Professora da Educação Básica do Campo. E-mail:

² Mestre em Ensino de Língua e Literatura; Doutora em Linguística; Professora Titular da Faculdade de Ciências Tocantins FACIT; Pesquisadora CNPQ grupo de pesquisa da Universidade de Brasília SOLEDUC; Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Línguas Indígenas LALI Universidade Federal do Tocantins UFT. Orientadora da pesquisa. E-mail: sissi@faculdedefacit.edu.br.

³ Mestre em Educação; Pedagoga; Bacharel em Odontologia; Diretora geral da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. e-mail: angela_ortoface@hotmail.com.

⁴ Professora da Faculdade de Ciências do Tocantins. E-mail: 07@hotmail.com.

⁵ Professora da Faculdade de Ciências do Tocantins. E-mail: rosehonda_radiocenter@hotmail.com.

Keywords: Benzedeadas. Benzimentos. Traditional knowledge. Rural Education.

Introdução

Estar no mundo sem fazer história,
sem por ela ser feita, sem fazer
cultura, sem tratar sua presença no
mundo, sem sonhar, sem cantar, sem
musicar, sem pintar, sem cuidar da
terra, das águas, sem usar as mãos,
sem esculpir, sem filosofar, sem
pontos de vista sobre o mundo [...]
sem aprender, sem ensinar, sem ideias
de formação, sem politizar, não é
possível.

Paulo Freire

Este artigo é parte integrante de uma monografia de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do campo na área de habilitação em linguagem. A pesquisa realizou-se com um povo tradicional, cujo foco foram as benzedeadas e seus benzimentos, ou seja, seus saberes e fazeres culturais na comunidade do prata. As benzedeadas trazem consigo as tradições e os costumes, ou seja, a cultura de seus ancestrais. Segundo Saraiva (s/d), a cultura não é entendida somente como manifestações folclóricas (festas e tradições), ou mesmo como o senso comum costuma concebê-la e reduzindo-a à “cereja do bolo”.

O objetivo foi identificar e analisar as praticas do benzimento realizadas na comunidade Kalunga do Prata, considerando o conhecimento, os saberes e a cultura que vem sendo passados para as futuras gerações. Buscamos também registrar a utilidade do benzimento na

comunidade, resgatando os conhecimentos tradicionais que estão se perdendo e com isso comprometendo a identidade desse povo.

As benzedeadas vêm, no seu cotidiano, atendendo pessoas que necessitam de seus cuidados através do benzimento. Crianças, jovens, homens, mulheres e idosos, todos procuram o serviço delas. Essas mulheres doam o seu tempo e com isso tornam-se “doutoras da medicina popular”, deixando como legado o aprendizado da solidariedade e do amor pelo próximo. Essa prática é extremamente relevante para a comunidade, uma vez em que a mesma não conta com atendimento médico. Então, são elas quem atendem as necessidades imediatas do povo, aplicando lhes a sua prática, salvando vidas.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, que tem como pressuposto entender e interpretar fenômenos sociais em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2006). A pesquisa é também do tipo etnográfica, com observação participante, e se desenvolveu a partir de um roteiro de entrevistas com 3 (três) benzedeadas. As visitas foram constantes para presenciar o ato e também para dialogar sobre os tipos dos

benzimentos, para quais enfermidades, quais as simbologias, uso das plantas, etc.

O intuito foi contribuir com a comunidade na preservação da cultura, pois uma vez que se perde a cultura se perde a identidade. A pesquisa se configura como qualitativa. Segundo Almeida, Albuquerque e Aoki (2011), o pesquisador se utiliza deste tipo de pesquisa para se familiarizar com o problema existente na comunidade. Aproxima-se da pessoa entrevistada adquirindo a sua confiança, e a partir daí constrói hipóteses, coleta dados e levanta as informações necessárias à geração dos dados

O objetivo geral foi identificar, registrar e analisar os saberes das benzedeadas e a importância de suas práticas de benzimento para a comunidade quilombola Prata, município de Cavalcante de Goiás. Especificamente buscamos compreender a importância das rezas; apresentar os saberes e fazeres das Benzedeadas como aspecto cultural que favorece o fortalecimento da identidade dos Kalunga da comunidade Prata; valorizar a sabedoria do modo de vida da comunidade do Prata, por meio do registro dos saberes associados ao uso das práticas de benzimento, identificando suas contribuições para o fortalecimento da cultura quilombola.

Finalmente, esperamos que esse trabalho possa contribuir com a preservação da cultura da comunidade e sirva para que os jovens daquela possam se conscientizar sobre seu papel de construtores de suas próprias histórias, ou seja, protagonistas do conhecimento popular, herdados dos nossos ancestrais e que a escola seja mediadora nessa construção.

1. Povos Tradicionais: Os Kalunga e a Comunidade Quilombola do Prata

O Brasil é um país multilíngue, multiétnico e culturalmente híbrido. Diversos segmentos da sociedade brasileira são marcados por identidades coletivas próprias. Cerca de oito milhões de brasileiros fazem parte de povos e comunidades tradicionais correspondendo, entre esses, uma média de dois milhões de remanescentes quilombolas, de acordo com o Centro de documentação Eloy Ferreira da Silva (MONTE ALTO, 2012).

Por mais de três séculos, os quilombolas foram construindo suas identidades. É através da identidade que se criam e recriam culturas, modos de vida e a sobrevivência do próprio quilombo. A identidade está presente em tudo aquilo que faz parte do patrimônio cultural, como os costumes e as tradições. Nas comunidades quilombolas, as pessoas contam com os

benefícios que os saberes culturais proporcionam. Esses, que também são fazeres, baseiam-se na convivência entre gerações adquiridos a partir dos conhecimentos dos ancestrais (MONTE ALTO, 2012).

No Brasil, o decreto nº 6040 de 7 de fevereiro de 2007, refere se ao termo populações tradicionais como povos e comunidades tradicionais, os quais são definidos pelo Artigo 3º como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a sua reprodução cultural social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitida pela tradição (BRASIL, 2007).

Comunidade tradicional é aquela que valoriza os saberes historicamente construídos, fortalecendo assim a identidade e a cultura de um povo. Segundo Saraiva (2012), ser tradicional define-se como uma condição que tornou possível a valorização de saberes historicamente excluídos e desqualificados, fortalecendo a identidade e a cultura. Essas comunidades tradicionais a partir de seus conhecimentos trouxeram observações atentas da natureza e experimentação dos seus recursos naturais.

Com efeito, a comunidade Prata tem o privilégio de contar com a presença desses

saberes que são repassados através da oralidade. De acordo com Delgado (2006, p. 15) a história oral é um procedimento metodológico que busca, "[...] pela construção de fontes e documentos, registrar através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões".

2. Os Quilombos

Segundo Saraiva (2007), tudo começou quando, aqui no Brasil, navios chegaram trazendo africanos para que com o seu trabalho escravo o cofre da burguesia portuguesa pudesse enriquecer. Não se sabe bem ao certo quantos negros foram trazidos. Porém, muitos não resistiram à viagem longa ultramarina devido às más acomodações e precária alimentação. Já os que chegaram, enfrentaram um processo de escravidão mais longo que já existiu.

Não obstante,

[...] a diáspora dos africanos para estas terras, negros e negras, muitos deles ainda crianças, eram capturados e vendidos como escravos, arrancados de sua casa, sua família, sua terra, seu povo, eram levados para terras distantes, transportados em navios, em condições subumanas, numa viagem sem volta. Muitos deles morreram na travessia do atlântico. Os que sobreviveram foram subjugados e escravizados pelos colonizadores (SARAIVA, 2007, p. 33).

O trabalho era árduo e a recompensa vinha à chibata. A morte alcançava as senzalas devido ao cansaço, péssimas acomodações e as cruéis punições. Baiocch (1999, p. 32), ressalta que: “As torturas, o tronco, as vergastas do bacalhau entre outros, levavam à morte prematura, incapacidade física definitiva ou à fuga para a selva, matas e serras. Assim surgiram os quilombos-acampamentos”. Pode-se dizer que esses negros não se deram por vencidos, formaram-se grupos, travaram-se lutas, organizaram-se em quilombo (e lutam até hoje por liberdade e justiça social).

A origem dos quilombos segundo Dutra, 2011, se relaciona com o processo de escravidão negra que vigorou no Brasil por três séculos. Tais grupos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos e estratégias de resistência como, as fugas com ocupação de terras livres, entre outros meios.

Mas afinal, o que vem a ser quilombo? Segundo Baiocch (1999, p. 32), quilombo é termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta; toda habitação de negros fugidos que passe de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões nele. Quilombo é onde os negros se organizaram em um processo extremo de defesa, afirmação e resistência. Portanto, o

quilombo como forma organizacional, o Movimento Quilombola, registra-se como o mais longo fato histórico, com duração de 258 anos (1630/palmares-1888/abolição).

De acordo com Silva (2007), os quilombos foram muitos frequentes na história do Brasil, embora muitos tenham existido também em outros territórios. Estes quilombos variavam de lugar, tamanho e número da população, como também diversificava a forma de organização, mas de todos os quilombos o de Palmares foi o maior na história do Brasil. Palmares tornou-se símbolo de resistência negra, representando “desvio de padrão” e de motivo de preocupação pelas autoridades no Brasil colônia. Palmares passou a ocupar, dentro do imaginário de muitos escravos a esperança de se alcançar a sonhada liberdade através de fuga.

Os quilombos significavam resistência para os negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado. Durante e após a escravidão no Brasil, as comunidades quilombolas se espalharam pelo País em estados como Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Acre e Roraima. Com a abolição da escravidão, os escravos libertos foram submetidos numa sociedade a qual não os acolheu (SILVA, 2007).

Com efeito, esse autor acredita que não é de hoje que os quilombos despertam o interesse de muitos que visam a interesses lucrativos. Os quilombos, em sua maioria, foram construídos em lugares de difícil acesso, rico em preservação ambiental e minerais preciosos. Isso faz com que latifundiários, garimpeiros, grileiros, dentre outros, lutem para se apossarem dos quilombos, não se importando com a história, com a cultura do lugar e etc.

3. Os Kalunga

No território quilombola que passou a ser denominado Kalunga, existem quatro núcleos principais de população: Contenda, Vão do Moleque, Vão das Almas e Ribeirão dos bois. Dentro desses núcleos, quase uma centena de agrupamentos, com seus povos, com seus saberes e fazeres.



Figura (1). Mapa do Sítio Histórico e patrimônio Cultural Kalunga⁶.

⁶ Fonte: quilombokalunga.org.br/territorio-do-sitio-historico-e-patrimonio-cultural-kalunga. Acesso em:

Dessas comunidades tem muito o que se falar. Mas me limitarei falando de uma comunidade muito importante para mim, pois é a comunidade que escolhi para morar, e é o lugar do meu coração. Vou falar um pouco do que pesquisei da comunidade, mas só no próximo tópico, porque agora vou falar um pouco sobre a palavra Kalunga.

Mas afinal, o que é Kalunga e por que Kalunga? Vamos deixar claro que esse termo tem vários significados e era uma palavra muito comum entre alguns povos africanos. Era normal os próprios africanos serem chamados de calungas. Este era apenas outro jeito de dizer negros. Mas dentre vários conceitos dessa palavra, existia também significados de inferioridade como camundongo, coisa pequena insignificante. Os colonizadores passaram a chamar os negros de Calunga justamente porque para eles os negros eram realmente inferiores (BRASIL, 2001).

No entanto, para Baiocch (1999), Kalunga para os Kalunga, é um lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família. É de todos e para todas as horas. E também seria o nome de uma planta resistente da família simarubáceas

22-jan-2014.

(simaba ferrugnea). Símbolo de ancestralidade e resistência.

4. Saberes e Fazeres Partilhados na Comunidade Quilombola do Prata: As Benzedeiras e Seus Benzimentos



Foto 4. Benzedeira realizando um benzimento.
Fonte: Fernando Costa (2014).

Quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída, erisipela e vento virado. Quem quer que percorra as comunidades dos quilombos, vai se deparar, em um momento ou outro, com alguns desses nomes que fazem parte de um mundo de fé, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções. Aqui descrevermos como se dão as benzeções, procurando entender esses saberes históricos manifestados como a

linguagem de um povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas vezes não aceitas por muitos que não entendem o valor de uma cultura diferente da sua.

Com efeito, em nossa pesquisa pudemos observar que muitos saberes estão se perdendo devido ao desaparecimento das pessoas mais velhas, e do não repasse desses saberes para os jovens. Esses jovens não podem ser culpados por desinteresse, pois eles apenas não estão tendo oportunidade de vivenciar e aprender essas práticas para que possam vir a valorizar sua importância. Para a realização da pesquisa, houve a contribuição de 3 (três) senhoras quilombolas, por meio da oralidade, sendo elas idosas, benzedeiras, rezadeiras, muito humildes e solidárias para com a comunidade.

Salientamos que a comunidade as vê como pessoas sábias dos conhecimentos populares tradicionais dos Kalunga. Havendo a necessidade de obtenção de informações, foram feitas duas entrevistas, sendo a última com questionário, para desenvolver o trabalho. A partir daí, o trabalho de campo cumpriu o objetivo de levantar dados sobre o benzimento na sua totalidade.

3.1. O ofício de benzer

Foi desde a chegada dos colonizadores portugueses que as formas de se relacionar com as doenças e as práticas de cura vêm percorrendo a história do Brasil. Esses vários modos de lhe dar com as enfermidades presentes no Brasil tem uma longa história, pois eram práticas que vinham de vários povos como dos índios, africanos e portugueses das camadas populares. Esses eram quem recorriam das práticas de cura. Tais práticas eram trazidas da região de origem, muito antes da colonização do Brasil (BOING e STANK, 2013).

As práticas terapêuticas populares permaneceram ao longo da história. Parte desses conhecimentos ainda pode ser encontrada nas comunidades quilombolas, como a comunidade Prata, localizada no município de Cavalcante de Goiás. Nas várias práticas de cura é utilizado o uso das plantas medicinais e o benzimento. Há uma diversidade de procedimentos nessas práticas e os mais usados são os benzimentos contra quebranto, mau olhado e arca caída. São esses conhecimentos empíricos que fortalecem e caracterizam a comunidade como tradicional.

Mas afinal o que é benzimento ou o ato de benzer⁷? Benzer significa tornar

⁷ Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery - Centro Universitário do Triângulo -

Bento ou Santo. Benzer uma pessoa é o ato de rezá-la, pedindo que dela se afastem todos os males ou o mal específico que lhe esteja afligindo. Faz-se o “sinal da cruz” sobre a pessoa, animal ou objeto, recitando orações diversas com o objetivo de consagrá-la ao divino e pedir para o favor do céu, abençoando. “A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente” (OLIVEIRA, 1985).

O Benzimento é uma prática muito antiga presente em muitas culturas, mas aqui no Brasil ganhou força no período da colonização junto aos imigrantes que chegaram. Vale lembrar que os próprios Índios aqui já estabelecidos praticavam seus rituais de cura dentro de um conjunto de orações no seu próprio dialeto. A maioria das benzedeadas são idosas, católicas, com pouca escolaridade e baixa renda. Elas encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição e em resposta a necessidades, da comunidade. Não cobram pelos benzimentos, mas geralmente os que procuram seus serviços, levam presentes como forma de agradecimento. O benzimento é uma técnica simples,

Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

independente de crença ou religião, de dia, lua, horário ou local para ser praticado.

Quem pode benzer⁸? Alguns dizem que o benzimento só pode ser praticado quando se aprende dentro de uma tradição ou quando se é passado por alguém da própria família. A maioria das antigas benzedeadas relatam que aprenderam com alguém da família ou que foram apadrinhadas por outra benzedeadas pois tinham o dom. Algumas relatam que receberam as orações e a missão de benzer durante um sonho. Atualmente muitas pessoas defendem que para praticar o benzimento não é preciso ser médium, possuir dons espirituais, nem ter nenhum tipo de pré-requisito além da vontade de ajudar ao próximo. Sendo assim o benzimento é livre a qualquer pessoa que queira aprender. Qualquer pessoa pode fazê-lo desde que tenha fé na força que vem de Deus e que habita em cada um de nós. Através da vontade no bem, criamos um campo fluídico cheio de magnetismo benéfico, repleto de agentes restauradores de forças e energias gastas, que ao serem repostas, atuam na reparação dos males que se instalaram.

⁸ Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

O que pode ser benzido?⁹ As enfermidades curadas pelas benzedeadas se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano. Enquanto a Medicina científica se concentra nos aspectos biológicos do processo saúde-doença, a benzeção ocupa-se de perturbações que desequilibram a vida das pessoas e que podem ser causadas por um amplo leque de fatores, aproximando-se mais da forma subjetiva como as pessoas vivenciam o processo saúde-doença. Além disso, a eficácia do benzimento está estreitamente relacionada ao modo como as pessoas percebem a saúde e a doença.

3.1.1. O Benzimento como Prática Terapêutica¹⁰

Negócios, mal no corpo, doenças físicas, psicológicas ou espirituais, sapinho na boca, quebranto, mau olhado, etc.

⁹ Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

¹⁰ A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

Algumas benzedoras se especializam em determinadas rezas. Por exemplo: geralmente as mulheres benzem crianças e os homens picadas de cobra.

Elementos no benzimento: O dom ou a faculdade de curativa é inerente ao benzedor, a preferência por certo objeto, erva, ou certa gesticulação, serve-lhe de catalizador do próprio benzimento. Os elementos utilizados são diversos, tais como: Vela, tesoura, faca, carvão, ervas, água, ramos, sal, Bíblia, rosários, fios de linha, etc. O elemento mais popular é o ramo. Algumas benzedoras dizem que quando não usam o ramo o mal “vira prá elas”; após a reza, se a pessoa estiver carregada, as folhas ficam “muchas”. Pode-se usar qualquer tipo ramos de plantas para realizar o benzimento. Dentre as ervas podemos citar a arruda, o alecrim, o elevante, o guiné. Pelas propriedades de cada uma delas, de limpar a energia negativa. Ou ainda alguma erva que a benzedora use somente para esse fim.

Também são utilizados elementos em rezas específicas, como por exemplo uma faca para cortar o mau olhado ou o ramo de oliveira para a “vermelhidão”. No entanto é importante que aqueles que queiram iniciar a prática do benzimento saibam que os elementos não são necessários.

Texto ditado no ano de 1991, por Pai Benedito dos Cruzeiros¹¹: Quando mencionamos o uso de objetos dentro do benzimento, notamos que na realidade se vincula aos mesmos no plano etéreo suas atuações idênticas no plano físico. Quando utilizamos facas para se benzer, nem sempre esta prática é bem aceita pois a associação que se faz com este elemento está sempre ligada ao negativo. Olhando por um prisma espiritual verificaremos que a faca tem uma única função “CORTAR” e não se dever ser associado a ela a AÇÃO que o ser vivente toma com a mesma, sendo esta segunda de total responsabilidade de quem o faz. Ao benzermos uma pessoa com o uso de uma faca, pouco importa sua forma ou alegoria que nela seja colocada, nem tão pouco se tenha corte ou não, pois em momento alguma á o contato dela e de seu fio de corte com a pessoa que está sendo benzida, ficando a atuação somente no campo ritualístico. Os movimentos neste benzimento devem ser lentos para não assustar o assistido e vale lembrar que a fé é

¹¹ A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo - Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2-16.

elemento propulsor de energia e sem a mesma nada se realiza.

Benzimento feito a distância¹²:

Assim como outras técnicas, o benzimento pode ser utilizado em benefício daqueles que não encontram-se presentes, considerando-se que a intenção do bento e a energia acessada através das rezas e orações, irá transpor os limites de espaço-tempo, chegando até o local de origem.

3.2. Rezas

Quem reza geralmente fala a Deus aos Santos ou entidades, mas fala palavras escritas ou decoradas, ao contrário da Oração, que são palavras extraídas diretamente do coração¹³. As rezas são utilizadas geralmente para o quebranto ou mau olhado em crianças: O problema da criança acontece quando pessoas adultas, que possuem uma atmosfera fluídica mal sã, ficam com a criança no colo por muito tempo. A energia ruim que circunda a pessoa contamina a atmosfera espiritual da criança. Isso deixa o bebê irritado, prejudica

¹² A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2016.

¹³ Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/reza>. Acesso 20-jan-2016.

o seu sono e em certas situações pode causar desarranjos orgânicos¹⁴.

3.2.1. Reza Contra Quebranto e mau olhado¹⁵

Quando uma pessoa anda deprimida, sem forças ou cansada, diz-se que, lhe deitaram mau olhado. O mau olhado ou o quebranto, ambos muito parecidos, atingem pessoas, animais ou coisas, facilmente. Então, recomenda-se pegar um copo com água, um galho de arruda, molhar o galho e ir benzendo, ao final; colocar o galho dentro do copo, se afundar, estava cheio de quebranto ir ao portão da rua, vira-se de costas e joga por cima dos ombros de quem se está benzendo, isso com a pessoa de costa para rua. Enquanto está benzendo dizer:

“Mal do ar, mal do mar, mal do fogo, mal da lua, mal das estrelas, mal do

¹⁴ A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2016.

¹⁵ A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Acesso: 20-jan-2016.

ponto do meio dia, mal do ponto da meia noite. Se tiveres com quebranto, mau olhado, feitiçaria e bruxaria, em nome de Deus e da Virgem Maria, seja levado paras ondas do mar sagrado, onde não canta o galo nem a galinha e nem tem criancinha chorando e nem cristão batizado. Depois rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria.” Atenção: Pode-se também realizar com um copo com água, uma tesoura de aço e brasa de fogão. Após ter realizado a ladainha, colocar a brasa dentro do copo com água. Despachar, também na rua.

Contra mau olhado Galho de Arruda dizendo: “Deus te fez, Deus te criou. Deus tire o mal que no teu corpo entrou. Em louvor de São Pedro e São Paulo, que tire esse mau olhado, inveja ou feitiçaria. Assim como Deus fez o mar sagrado, assim ele te tire este mau olhado ou olho grande. Assim como Nosso Senhor foi nascido em Belém, e crucificado em Jerusalém, assim se vá o mal desta criatura se por acaso o tem”. Essa reza deve ser realizada com um copo com água, ir molhando o galho de arruda dentro do copo e ir fazendo em cruz da cabeça aos pés. No final, devemos jogar fora água e o galho de arruda, do portão para fora da casa. Repetir por três dias seguidos.

As rezas mais utilizadas para combater os malefícios na comunidade são:

Para Quebranto: Nome da criança, repetindo duas vezes: “você tem quebranto como você não me dizia, conforme eu sabia com a erva do campo com Jose e Maria (nome da criança) eu não te benzo quem te benze é nossa senhora, de quebranto e mau olhado tirando de dentro para fora”.

Para Dor de barriga: Água fria correnteia, corre de noite e de dia, livra da dor essa barriga minha virgem Maria (coloque o dedo encima do umbigo ao terminar o benzimento).

Para Estancamento de sangue: Fazer o nome do pai, repetindo: “tava Lucas, José e Mateus, lá Lucas cortou o pé com que estanca o sangue, com as três palavras de Deus. Sangue quente na veia como Jesus cristo leve no almoço, sangue estanca nessa veia como Jesus cristo leve na ceia, assim como senhor Jesus cristo humilde na cruz, mesmo assim, você sangue estanca nessa veia”.

Arca caída: Repetir três vezes: “O padre veste e reveste e vem dizer a missa no altar: arca, espinhela, ventre virado procura seu lugar, eu rezo essa oração para o Jesus nos ajudar”.

Engasgamento: “Homem bom mulher má, casa velha estrela rosa, senhor São Braz mandou dizer que é para livrar o engasgo dessa boca; sobe ou desse ou vomita ou tranca ou arranca”.

Bom parto: O meu divino espírito santo, esta casa tem sete canto, cada canto tem sete anjos, cada sete anjos esta com sete velas nas mãos, nessa casa não vai morrer mulher de parto, nem anjo pagão. Amém!

Benzedura contra a inveja¹⁶

Santo Inácio das Loures é de santo e é de sado
E é por santo fundado
E é o Senhor Crucificado
Desorga! Desorga! Três vezes desorga!
Bruxas feiticeiras, mal de inveja
Do corpo de uma pessoa para fora
Que não tenha que doer como elas
Nem em casa, nem na rua, nem por onde passear
Eu te benzo com a santa segunda
Eu te benzo com a santa terça
Eu te benzo com a santa quarta
Eu te benzo com a santa quinta
Eu te benzo com a santa sexta
Eu te benzo com o santo sábado
Eu te benzo com o santo domingo
Que são as nove palavras
Que Deus Nosso Senhor benzeu
O seu bendito Filho.

Segundo Muzi (2011), as pessoas têm que trazer três dentes de alho para

16

Resumo de Joyce Muzi publicado em: A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo- Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Quarta-feira, 8 de junho de 2011. Acesso: 20-jan-2016.

serem benzidos com o sal, e depois têm que dormir com o sal e os alhos debaixo da cabeceira durante três noites. Depois, faz-se um fogo e "joga-se" lá para dentro os alhos e o sal em cruz, para arder tudo. Há pessoas que a dizem três vezes e há pessoas que a dizem nove.

Outra prática muito utilizada para curar através de rezas, é a Água Benta. Então é importante saber como se efetiva essa tradicional forma de combater males.

Preparar a água benta¹⁷ - Utiliza-se o seguinte procedimento: Material - Garrafa de vidro com água filtrada; vela branca; Caixa de fósforos. Procedimento.

1. Antes de iniciar, lavam-se as mãos com água corrente e enxugo-as bem.
2. Toma-se um copo de água filtrada em sinal de respeito e purificação.
3. Durante mais ou menos 5 minutos fica-se em silêncio.
4. Acende-se a vela branca com fósforo.
5. Inicia-se a benção da água.

17

Resumo de Joyce Muzi publicado em: A BENZEÇÃO COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA - DANIELA ARAÚJO TEIXEIRA LEITE 1, LÉA RESENDE ARCHANJO. Fonte de consulta: (Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé -Vanda Cunha Albieri Nery -Centro Universitário do Triângulo- Uberlândia/MG)ransmutese.blogspot.com.br/2011/06/o-benzimento-o-que-e-quem-pode-benzer.html. Quarta-feira, 8 de junho de 2011. Acesso: 20-jan-2016.

Oração:

Criatura água
Por este sinal (+ com a vela)
Eu te exorciso de toda mal e de toda impureza
Por este sinal (+ com a vela)
Eu te abençoo com a luz eterna
Por este sinal (+ com a vela)
Eu te purifico com a benção de Deus Pai.
Reza-se 3 pai nossos, 3 ave Marias e 3 Santo Anjos.

As rezas e os benzimentos dos Kalunga da comunidade Prata depende do conhecimento da natureza e dos antepassados para sua sobrevivência, então algumas pessoas aprenderam a preservá-las e respeitá-las, para que esses recursos possam ser utilizados por seus filhos, netos e bisnetos. Esse conhecimento ainda permanece no modo de vida dos Kalunga, mas vários usos como as práticas de cura das benzedadeiras estão sendo esquecidos, principalmente porque os mais velhos estão deixando de existir e esses saberes não estão sendo repassado para os jovens.

3.3. Práticas das Benzedadeiras na Comunidade Kalunga Prata

Benzimento: Essa prática é muito procurada por pessoas que acreditam no poder da cura da benzeção, sendo que essas pessoas ou familiares precisam desse tipo de atendimento para promover a sua saúde. Cada benzedeira tem o seu ritual, sua forma de praticar esse ato. Sendo que algumas benzedadeiras, segundo Silva, 2014, começam a benzer com três raminhos em uma mão, o terço na outra, o sinal da cruz na testa, e assim começa o benzimento. Proclama o Pai nosso, Ave Maria e as palavras do benzimento enquanto sacode o ramo perto do benzido e termina com o pai nosso.

A benzedeira entrevistada III, explica que: “para cada doença tem um tipo de reza diferente e nem sempre precisa usar os ramos”. As pessoas que utiliza os serviços das benzedadeiras sempre acabam voltando, devido à eficácia do serviço. As benzedadeiras entrevistadas falaram que as pessoas voltam porque realmente essa forma de tratamento funciona. Mas é preciso que se tenha muita fé para benzer e para receber o benzimento, senão o paciente não é curado. Segundo as benzedadeiras entrevistadas, elas não precisam de um lugar específico para realizar o ato da benzedura, e benzem o paciente onde ele estiver e se possível for, retorna às casas para ver o resultado. Para elas também tem as horas e os dias específicos para benzer,

sendo que a melhor hora para se benzer alguém é durante o dia, mas também têm os dias da semana que são melhores para benzer, e elas acreditam que o sábado é um dia fraco para a prática do benzimento e que sexta feira é o dia mais forte.

A entrevistada II, fala que: “para crianças e adultos, a forma de benzer é a mesma, se o mau for o mesmo, a única prescrição é o chá após o benzimento, que o da criança pode ser um pouco mais fraco”. Ela diz ainda que “o uso do chá é muito importante para auxiliar no benzimento”.

De acordo com nossas entrevistadas, os chás e as plantas mais usados como complementos para o benzimento são:

O chá da erva cidreira – calmante e alivia dor de cólica infantil
Hortelã – para má digestão e verme
O mentrasto – anti-inflamatório
Kalunga – para baixar a febre
Matruz – para combater o verme
O picão – para crianças com amarelão (icterícia)
O tipi – serve para banho contra infecção no útero após o parto
Fedegoso – para resfriado, dor de barriga de criança.
Sambaiba – para banho após o parto.
Pinhão roxo – para mau olhado.
Catinga de barrão – para banho após parto difícil.
Vassourinha – para a criança quando está com quebrante (beber e benzer)
Folha de pimenta – para benzer.
Todas essas plantas auxiliam na prática do benzimento.

Esclarecemos que não são todos os tipos de enfermidades que as benzedeadas conseguem curar, portanto o que lhes cabe a fazer é pedir para que o paciente procure um médico.

3.3.1. As benzedeadas e o dom da cura

A comunidade Prata contou e conta com a presença de mulheres que preservam saberes surpreendentes. Mulheres que têm o dom de curar, que sabem curar enfermidades sem ao menos ter ido à escola. São essas mulheres Helenas, Marinas, Julmiras, Santinas, todas doutoras da medicina popular. Como a comunidade não conta com atendimentos médicos, então, sempre foram elas que fizeram o papel de promover a saúde.

As benzedeadas são mulheres que agem no decorrer da história com um único objetivo, ajudar aos outros. Elas praticam o ato do benzimento sem cobrar nada em troca. São pessoas simples, solidárias, e donas de saberes e fazeres que passam de geração para geração. Essas benzedeadas são pessoas carismáticas com muitos conhecimentos. Segundo Cascudo 2001 citado por Martins e Siqueira (s/d), essas mulheres benzedeadas podem ser definidas como: mulher, geralmente idosa, quem tem poderes de cura por meio de benzimento.

Elas são pessoas desprovidas de qualquer interesse material ou financeiro, vivem em casas simples e são felizes com o que fazem. Segundo elas, desde jovens já faziam essa prática, e que não se tem idade para a procura da mesma. Essa procura se deve ao alívio de dores, cansaço, sensações ruins, ou seja, deve-se à promoção de cura de várias enfermidades. “Esse ato de benzimento ou benzeção é primeiramente fé, em seguida o sinal da cruz sobre o benzido acompanhado de orações com ramos, para espantar os males e para a proteção divina” (relato de uma benzedeira da comunidade).

Para essa prática as benzedeiras trazem várias simbologias tais como: lenço, linha cordão, ramos de planta, água benta, etc. Essas benzedeiras têm como principal religião o catolicismo, marcando esse universo da benzeção.

Essas mulheres benzedeiras vêm contribuindo com esse ato de cura por décadas, e isso tende a desaparecer, promovendo assim a perda de mais esse saber empírico que se apresenta como parte da cultura tradicional da comunidade Kalunga Prata. Pode-se observar, que nessa comunidade há uma grande perda dos saberes. Isso ocorre também devido à saída dos jovens da comunidade que vão à procura de estudo e de melhores condições

de vida, pois acreditam que, a comunidade já não lhes oferece. Os jovens que permanecem não sabem como dar continuidade a esse saber. E isso causa nas poucas benzedeiras que restam, uma preocupação, que é a perda desses conhecimentos.

Ademais, os benzimentos como cultura tradicional e suas práticas precisam ser trabalhadas de alguma forma, para que esse conhecimento e aprendizado possam perpetuar por mais gerações. Esse foi um dos objetivos desse trabalho. Dessa forma, procuramos mostrar as diferentes culturas vivenciadas, que já que os mais velhos têm esses saberes guardados em suas memórias, sendo assim, acreditamos que esse trabalho é de grande valia para a comunidade Prata.

Desse modo, as 3 benzedeiras aceitaram participar desta pesquisa. Para a preservação da identidade dessas mulheres serão usados aqui números de I, II, III e a idade. A senhora I tem 73 anos, a II 76 e a III, 78 anos de idade.

Nesse sentido, perguntamos:

1. Quando a Senhora percebeu que tem o dom de curar pela Reza?

I – Quando já tava mocinha já, de tanto ver mamãe benzeno eu aprendi, aí eu comecei benzer tamém.
II – foi quando eu benzi pela primeira vez contra quebrante e a criancinha da vizinha melhorou. Fiquei muito feliz.

III – quando eu benzi pela primeira vez foi contra o mau de espinhela caída. Eu acho que foi aí que eu já tinha aprendido de verdade.

2. Qual era sua idade quando fez o primeiro Benzimento?

I – Eu acho que já tinha uns 15 anos
II – Eu já tinha uns vinte anos
III – Com 17 anos.

3. Na sua família tem mais alguém com esse Dom?

I – Tem sim, minha mãe, minha vó e uma tia minha irmã do meu pai.
II – que eu lembro era só mamãe, mais ela falava que tinha aprendido com os pais dela.
III – Minha mãe benzia, aí eu, meu irmão e minha irmã, tudo bezemo.

4. Quais são os tipos de doença que a Senhora (ou o Senhor) aplicam a Reza?

I - Quebrante, mau olhado, engasgamento, soluço, cobreiro, espinhela caída, erisipela e o que aparecer.
II – Soluço, vento virado, ofensa de cobra, mau olhado, e etc.
III – Dor de cabeça, estancamento de sangue, erisipela, calmar ventania, quebrante, dentre outros.

5. A Senhora (ou o Senhor) atende somente doenças físicas ou atende também doenças espirituais, por exemplo, depressão, nervosismo, etc.?

I – A gente benze de doenças que remédio de médico não trata.
II – Essas duença de cabeça que não intendo num benzo não.
III – Eu benzo pra tudo quanto é mau, as veis num funciona, aí eu mando procurar um dotor.

6. Quais são as rezas utilizadas no ato do Benzimento?

Benzimento para quebrante: “Maria eu vim aqui atrás de Jesus cristo, para que Jesus benze quebrante e mau olhado. Eu sei benzer um ruim que Põe dois bom, te abrando nossa senhora que livra desse quebrante e mau olhado de quem te botou”.

Engasgamento com espinha de peixe, osso ou caroço: “Homem bom mulher má fala pro senhor São Braz que desengasgue esta garganta, homem bom mulher má fala pro senhor São Braz que desengasgue esta garganta, sobe ou desce a procura do seu lugar”. O benzedor da uns tapinhas nas costas do engasgado e ele logo começa a vomitar o que o fez engasgar.

Acalmar vento forte acompanhado de tempestade – Jesus cristo vistuoso filho de Deus poderoso, o pecado que eu fiz agora para o senhor eu não digo quando eu dizer ao senhor, é para saber contra a lição vivo triste e rependido, agora eu lhe peço perdão. Perdoame meu Jesus que nessa vida eu quero graça e na outra salvação. Salve rainha! Mãe de senhor, cravo do amor, eu quero que vós me de destino e bom entendimento para receber as três palavras do divino sacramento, amém!

7. São utilizados algum tipo de remédio, por exemplo, alguma planta medicinal, chá, etc.?

I – Sim, pra quebrante mesmo é usado o chá da folha da vassourinha depois de benzer. É bom fazer o chá pro quebrante saí mais ligero.
II – Quando a gente benze a criança que tá com dor na barriga, agente da pra ela um chazinho, pode ser de erva sidreira,

de puejo de hortelã...
 III – Vixe nossa! O chá é muito bom pra ajudar a melhorar a doença. Eu quase sempre mando fazer chá.

I – Volto sim. Agente tem que voltar pra saber se o doente melhorou.
 II – a gente tem que voltar porque o benzedor é responsave pela quela pessoa doente.
 III – Sempre que eu benzo eu volto na casa da pessoa que precisa dos meus cuidados. Quando não posso ir peço pra que vem na minha casa. Se a pessoa não tiver melhorado aí eu falo pra procurar o serviço dos médicos.

8. A Senhora (ou o Senhor) usam palavras, colocam as mãos no doente ou qualquer outro procedimento como ramo de alguma planta durante o Benzimento?

11. A Senhora (ou o Senhor) cobra para fazer um Benzimento?

I – Não cobro nada, mais se a pessoa quiser me dá um agrado eu recebo
 II – Não. Porque Deus da esse dom pra gente é pra ajudar o nosso irmão que tá pr

I – Sim. Eu sempre pego no doente
 II – Depende da doença, se for quebrante, espinhela caída a gente tem que pegar no doente e rezar com o ramo passano em cima dele.
 III – O benzedor tem que pegar no doente, porque nem sempre da pra saber o que é que ele tem. Us ramo, não é toda vez que eu uso não. Tem que saber a doença.

Então eu não acho certo cobrar não.
 III – Eu nunca cobrei e nem pretendo, mais diz por aí que quando cobra o benzim mais forte. Eu não sei se é verdade.

12. A Senhora (ou o Senhor), se convidados, iriam à escola fazer uma palestra para os alunos sobre a sua profissão?

9. Tem alguma reza específica, dependendo da idade do doente, por exemplo, para crianças é uma reza e ara adultos outra, ou são as mesmas?

I – Não sei não. Não é todo mundo que aceita o trabalho da gente não.
 II – Se me chamar eu vô.
 III – num vô não. Porque as geração de hoje num quer saber nada não. Só qué saber das coisas moderna da cidade. Essas coisas que a gente aprendia com o pai, com a mãe, esses minino num que saber não.

I – É a mesma. Só o chá pras crianças que tem que ser mais fraco um pouco.
 II – Se o mau for o mesmo, a reza também é a mesma
 III – As rezas são as mesmas. As vezes agente roga por santo diferente.

10. A Senhora (ou o Senhor) volta algum tempo depois à casa do doente para verificar se ele melhorou?

Todas as benzedeiiras entrevistadas aprenderam essa prática de cura com seus antepassados. Elas aprenderam em um período em que não se tinha alternativa de cura das enfermidades, pois o acesso a médicos e hospitais era inviáveis devido à falta de transporte para a cidade. Até nos dia atuais, se procura muito por esses saberes que geralmente são caracterizadas por

pessoas idosas de situação humilde, e que corre o risco de desaparecer. Segundo Pistark (2011, p. 11). "A escola não percebe que é preciso trazer a vivência do educando para dentro da escola e devido a isso ele se encontra cada vez mais afastado dela. A escola tem que está ligada à vida".

É possível que a escola do campo possa trabalhar em suas disciplinas as culturas dos educandos. É preciso que a gestão escolar estude táticas juntamente com a comunidade para mudar o currículo e trazer proposta de uma educação norteadora progressista onde o professor terá o papel mediador transformador e o aluno como protagonista da sua vida.

3.4. Saberes Tradicionais: História de Vida

Excerto 1: Dona Marina, uma Benzedeira

[...] dona Marina, nos anos de 1980 a cultura era muito forte, todos participavam de tudo, das rezas, das folias, dos festejos etc. Agora essas culturas estão se perdendo, pois os jovens já não se interagem mais como antigamente. Para ela a terra é tudo, porque foi da terra que ela adquiriu tudo... ouviu um trator zoando em direção a roça realmente era mesmo em sua direção que ele ia para passar a máquina na roça que tem, foi criada e criou sua filha. Então ela só tem orgulho da terra, a conquista pelo seu território foi quando seu pai morreu mesmo assim um fazendeiro vizinho queria tomar o seu pedaço de chão que seu pai havia lhe deixado que fosse dali que ela tirava o sustento para ela e para a sua filha. Conta dona Marina que ela estava limpando o seu arroz já plantado toda,

para acabar com tudo que estava plantado, acabando com tudo isso ela tinha que retirar do seu território ajoelhou e pediu a proteção divina quando a máquina chegou na cerca da roça ela pegou um feixe e enfrentou o motorista e pediu que ele não fizesse isso, ele respondeu: "é ordem do patrão", mas ela foi tão guerreira que fez com que imediatamente ele voltasse. No entanto o fazendeiro desistiu e acabou indo embora porque as pessoas descobriram que ele era grileiro de terras.

A transmissão oral é o mecanismo utilizado para não se deixar perder a tradição do uso das práticas do benzimento. O relato dessa senhora narra a importância dessas práticas para a comunidade, fazendo perceber que as benzedadeiras são doutoras da medicina popular, onde a comunidade não só as procuram, como também confiam em seus trabalhos.

Elas afirmam que desde que se entendem por gente, moram na comunidade, e que seus pais também viviam na comunidade. A vida não foi nada fácil, passaram por muitas dificuldades quando ainda crianças passaram fome e frio. Ressalta a benzedeira III, que não gosta de lembrar desse tempo ruim não. Fala que quando chegava alguém em casa, tinham que ficar na camarinha escondida até a visita ir embora, pois não tinham roupas decentes para vestir, só alguns pedacinhos de pano para se enrolar.

Elas relatam que o benzimento sempre esteve presente em suas vidas e que

aprenderam através da observação, quando seus pais benziam e assim iam aprendendo. Quando ainda meninas, não sabiam o que era ir à cidade, mesmo porque ir à cidade era muito difícil, devido ao acesso.

Quando as pessoas adoeciam não tinham alternativas a não ser o tratamento realizado pelas rezadeiras e benzedoras com o uso das plantas que tem o poder de curar. As pessoas não morriam fácil, as grávidas tinham o parto complicado, mas o neném nascia e mãe e filho viviam. Hoje em dia, os médicos estão um pouco mais acessíveis, mas há aqueles que preferem ser curados através pelas rezas e benzimentos, pois acreditam no poder dos mesmos. “[...] não sei ler nem escrever, mas Deus me deu esse dom, sei curar algumas doenças como: quebrante, mau olhado, erisipela, espinhela caída, engasgamento, cobreiro, mau de solução” (ENTREVISTADA I).

Foi através da preocupação dessas benzedoras, que surgiram os seguintes questionamentos, tais como: Quais os fatores e motivos que levam a prática do benzimento na comunidade do Prata? Qual a importância desses saberes e fazeres para a comunidade do Prata? Qual a relação desses saberes com o fortalecimento da comunidade do Prata? O que está levando a perda desses saberes sobre a prática de benzimento na comunidade do Prata? Como

a escola pode vir a contribuir para que não haja a perda total desses saberes? Questões essas que buscamos responder ao longo desse texto.

Portanto, acreditamos que esses saberes tradicionais de várias gerações, podem muito bem serem trabalhados nas escolas. Se essa prática faz parte da vivência da comunidade, por que não ser trabalhado nas escolas, se por lei a escola tem que trabalhar a questão étnico racial e cultural.

Nesse sentido o intuito dessa pesquisa foi somar e contribuir com a construção de um olhar reflexivo diante da realidade da comunidade, não deixando se apagar o que existe de sábio e valioso, que é o conhecimento sobre o benzimento, conhecimento esse que resistiu uma trajetória histórica de muita luta.

4. Educação do Campo e Educação Quilombola: Uma Síntese Histórica

Nesse capítulo abordamos os aspectos históricos da Educação do Campo e da Educação Quilombola. Não obstante, a história começa a ser feita desde que se nasce e, logo ali, entra-se no processo educativo. Por isso, a importância de propiciarmos ações que se valham de inúmeras possibilidades para o aprender. Discorreremos a seguir sobre a concepção de uma educação nova, uma educação onde quilombolas e camponeses possam se

perceberem protagonistas, desde a formação dessa escola nova até o beneficiamento que a mesma possibilita à comunidade. Mesmo porque essa é uma educação que não oprime, mas que emancipa os sujeitos. Essa educação tem como propósito considerar a realidade dos educandos e também o processo histórico a qual pertence.

4.1. Escola e Educação do Campo

A escola como um aparelho disseminador ideológico poderia a vir contribuir com a formação dos educandos como sujeitos construtores do seu futuro incluindo nessa formação as culturas, as práticas e os saberes e fazeres da comunidade e do território onde estão inseridos.

As escolas do campo em que pode observar não trabalham as especificidades do campo e muito menos as culturas tradicionais das comunidades. Ela precisa trazer para a sala de aula a vivência dos educandos para que, a partir daí, eles possam se identificar como sujeitos capazes de se sentirem protagonistas da sua própria história, que é uma história muito rica. A educação no campo não está conseguindo manter os jovens na sala de aula, ou seja, estão cada vez mais sendo influenciados por outras culturas.

Nesse sentido, Kolling, Cerioli e Caldart afirmam que:

Temos uma preocupação prioritária com a escolarização da população do campo. Mas, para nós, a educação compreende todos os processos de formação das pessoas como sujeitos do seu próprio destino. Nesse sentido, educação tem relação com cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social (KOLLING, CERIOLI e CALDART, 2002, p. 19).

O Brasil possui 76,2 mil escolas rurais, de acordo com dados do Censo Escolar 2011. A mesma pesquisa mostra que, desse total, 42 mil são multisseriadas, quase 15% ainda não possuem energia elétrica, 89% não têm biblioteca e 81% não contam com laboratório de informática. Além da infraestrutura precária, um levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) feito com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2009 indica que 2,5% das crianças e dos adolescentes com idade entre 7 e 14 anos que vivem no campo estão fora da escola. Isso revela que ainda estamos longe de universalizar o acesso à Educação Básica na zona rural e de garantir a qualidade dele. Outro desafio é a formação dos professores que atuam nas escolas do campo. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), aproximadamente

160 mil (44%) não possuem sequer ensino superior¹⁸.

Segundo Mônica Molina (s/d), as principais características da escola do campo brasileira, é que escola rural vai além da localização geográfica. Ela recebe sujeitos cuja organização social se dá pelo trabalho no campo. Embora por definição ela seja a instituição que está no espaço rural, nas áreas assim definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a identidade dela não tem a ver somente com o lugar. Por isso, a escola precisa ter um currículo adequado aos saberes e às necessidades dos estudantes. É claro que a questão da localização é fundamental, a ponto de estarmos lutando para ampliar o número de unidades nas áreas rurais. Ainda assim, não há como desconsiderar que há escolas em mais de 4,5 mil municípios no perímetro urbano com menos de 20 mil habitantes cujos alunos são camponeses¹⁹.

4.2.1. Educação do Campo

Caldart (2012, p. 259) afirma que:

¹⁸ Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/entrevista-monica-molina-especialista-educacao-campo-732775.shtml>. Acesso: 20-jan-2016;

¹⁹ Professora Mônica C. Molina, entrevista concedida à Revista Escola, sem data. Disponível me: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/entrevista-monica-molina-especialista-educacao-campo-732775.shtml?page=1>. Acesso: 20-jan-2016).

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Ainda de acordo com Caldart (2012), o protagonismo dos movimentos sociais camponeses é originário da Educação do Campo, e nos ajuda a puxar o fio de alguns eixos estruturantes desta experiência, e, sendo assim, nos ajuda na compreensão do que essencialmente ela é e na consciência de mudança que assinala e projeta para além dela mesma.

Nesse sentido destacamos o curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC que é um curso regular da Universidade de Brasília, campus de Planaltina, UnB/FUP, que se realiza em alternância, subdividido em tempo escola e tempo universidade, e tem como objetivo formar professores, educadores para atuarem na escola do campo. Esse curso é resultado de muita luta dos movimentos dos trabalhadores sem-terra (MST) que tinham como objetivo firmar lutas por políticas públicas que era garantir aos trabalhadores

do campo uma educação que não seja só no campo, mas que seja também do campo (CALDART, 2012).

Com efeito, a Educação do Campo nasceu da luta incessante dos trabalhadores do campo. Essa expressão nasceu primeiramente como Educação básica do campo, e a partir do seminário realizado em Brasília em 26 a 29 de novembro 2002 passou a ser chamada de Educação do campo, e foi reafirmada em 2004 na II conferência nacional realizada (CALDART, 2012).

Nesse sentido, a Educação do Campo surgiu como uma articulação dos trabalhadores do campo, onde lutavam por educação, por direito a políticas públicas que atendesse aos interesses sociais dos trabalhadores do campo. Esses trabalhadores do campo travaram lutas difíceis em função de superar a desigualdade que perpassa um longo período histórico, onde camponeses, assalariados rurais, povos tradicionais, se veem excluído do modelo de sociedade que está imposto.

A Educação do Campo surgiu com o objetivo de associar as lutas de sujeitos particulares com os mesmos interesses sociais em comum, e foram os próprios trabalhadores quem protagonizaram, ou seja, se organizaram em quanto coletivo,

pensaram e agiram juntos em função da educação e formação para os trabalhadores (CALDART, 2012). Isso foi um grande acontecimento para a Educação do campo, trabalhadores do campo unidos coletivamente em busca de educação para conquistar a sua emancipação.

Os sujeitos da Educação do campo são mulheres, homens, família que trabalham na terra, ou seja, são todos trabalhadores do campo. Quando esses discutem a Educação do Campo, tratam da Educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores do campo, sejam eles quilombolas, indígenas, assentados, dentre outros vinculados ao trabalho e a vida no campo.

Segundo Caldart (2012), os sujeitos efetivos da Educação do Campo (EdoC), têm o desafio de evitar que esta se torne um conceito meramente formal, sem correspondência ao seu objeto, ou mesmo que passe a identificar outro objeto, como outra referência de classe, um desafio que somente pode ser superado pelo seu movimento real de luta e construção. Mesmo porque há entidades que contribuem fielmente para que isso aconteça.

A educação do campo foi criada sobe exigências, pois para eles não era possível tratar da política educacional deslocada da questão do trabalho, da

cultura, do embate de projetos de campo, de modelo e lógicas de agricultura, que tem implicações sobre o projeto de país, de sociedade e sobre concepções de política pública, de Educação, e de formação humana (CALDART, 2012).

4.2.2. Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso de cunho regular oferecido pela Universidade de Brasília (UnB), ofertado nos princípios da Pedagogia da Alternância, e está subdividido em Tempo escola e Tempo Comunidade. Tem como objetivo capacitar professores e educadores para as escolas do campo. Os componentes curriculares eram divididos em duas áreas de conhecimento (habilitações): Ciências da natureza e Matemática, e linguagens. Agora, no ano de 2015, está na oitava turma, e a Matemática passou a ser oferecida separadamente. No entanto, atualmente são três habilitações que o curso oferece. Anualmente eram oferecidas 60 vagas para alunos do campo com carga horária de 3525 horas\aula e 235 créditos, integralizados em oito etapas (semestres). Já na turma 08 foram oferecidas 120 vagas. O que é bom,

mostrando que o curso anda em uma linha de progressão²⁰.

Um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os alunos no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso desde o primeiro semestre, os estudantes alternam o aprendizado nas aulas com a prática no campo. Após o tempo aula os estudantes retornam partilhando o saber adquirido na universidade com a comunidade, e vice-versa.

A LEdoC vem com a visão de superar a educação que se reduz a escolarização. Para ela deve se compreender a Educação do Campo vinculada à vida dos sujeitos, traçando processos formativos. Segundo Molina e Sá, a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo, em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo (MOLINA e SÁ, 2012, p. 467).

A LEdoC tem como intenção formar educadores que estejam aptos a atuar para muito além da educação escolar, capazes de promover profunda articulação entre escola e comunidade. Ela quer garantir a formação de sujeitos que estejam preparados tanto

20

Fonte: http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/educacao_do_campo. Acesso: 20-jan-2016.

para a habilitação da docência por área de conhecimento, para a gestão de processos educativos escolares quanto para a gestão de processos educativos comunitários.

4.3. Educação Quilombola

O ensinar está relacionado a demandas que nós nos fazemos ou que a sociedade nos faz. Esse procedimento, em um primeiro momento, dá vazão a uma ideia de exigência, e de certa forma o é, mas não é qualquer exigência. Trata-se de um olhar mais focalizado para um horizonte relativamente esquecido nas produções acadêmicas, especialmente as educacionais: um espaço rural e negro (BRASIL, 2010, p.139). Os quilombos sempre foram tratados na historiografia e na Educação brasileira como se restringindo a redutos de escravos fugidos e a experiência do período escravista. No entanto, esse espaço formado por todo o país não foi somente para fuga e resistência ao sistema vigente, mas também em busca de espaço em uma perspectiva dinâmica onde poderiam reproduzir um modo de vida culturalmente próprio. Mobilizados enquanto militantes e parlamentares negros já se conseguiram algumas conquistas como, por exemplo, as terras reconhecidas como propriedade definitiva. Todavia, hoje o quilombo tem um desafio, que é inaugurar caminhos para

se concretizar um fazer pedagógico para essas comunidades (BRASIL, 2010).

Segundo dados da Fundação Cultural Palmares no Brasil, existem hoje 3.754 comunidades remanescente de quilombos. Mas de acordo com outras fontes esse número pode chegar a 5 mil. E as escolas que existem para atender essa parcela da população ainda são insuficientes. Então, é dever do Estado superar essa situação e a sociedade civil pressionar para que o mesmo implemente políticas públicas que garantam o direito a especificidade da educação escolar quilombola (BRASIL, 2011).

Foi iniciado em 2011 pela Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), o processo de elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola. Essas diretrizes vieram a público em 2012, e é o que vai orientar os sistemas de ensino para que possam colocar em prática essa educação tão almejada e esperada pelos quilombos, uma Educação que tenha um diálogo com a realidade sociocultural e política das comunidades e do movimento quilombola.

Essa escola deverá se tornar um espaço educativo que efetive o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, valorize o desenvolvimento sustentável, o

trabalho, a cultura, a luta pelo direito á terra e ao território (BRASIL, 2011). Portanto a escola precisa de currículo, projeto político pedagógico, espaços, tempos, calendários, e temas adequados às características de cada quilombola para que o direito a diversidade se concretize. Os quilombolas preocupam-se com seu futuro e têm claro interesse em que a educação faça parte de seus projetos de futuro, porém são muitas as barreiras a vencer para implantar um ensino voltado para a realidade dos povos negros quilombolas.

O que a série Educação Quilombola pretende oferecer aos professores é conhecimentos para atuarem efetivamente em sala de aula na formação da cidadania, com respeito pelas diversas matrizes culturais, a partir das quais se constrói a identidade brasileira. Ainda tem a pretensão também de valorizar as nossas origens e a nossa história, como condição de afirmação da nossa dignidade enquanto pessoas e de nossa herança cultural, como parte da infinita diversidade que constitui a riqueza do ser humano. Esses valores se revelam essenciais numa sociedade marcada, simultaneamente, por uma formação pluriétnica e pelo peso da herança escravocrata (BRASIL, 2007). Ademais, a escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos contemporâneos,

mas eles desejam uma escola sua, da comunidade, onde suas diferenças sejam respeitadas.

Cada vez mais as comunidades remanescentes de quilombos no Brasil buscam o reconhecimento de seus direitos, a valorização de sua cultura, a afirmação de sua identidade e uma maior participação na sociedade envolvente. Portanto, é necessário que sejam integradas à sociedade brasileira, do ponto de vista sociopolítico e econômico, por meio de políticas públicas, uma vez que elas são discriminadas das mais variadas formas e privadas de direitos fundamentais (BRASIL, 2007).

Do ponto de vista geopolítico-administrativo, as comunidades quilombolas pertencem a diversos municípios, entretanto as identidades negras revelam-se firmemente enraizadas nos diversos territórios históricos e geográficos bem delimitados (BRASIL, 2007, p. 22).

Tendo o domínio de informações acerca dos direitos humanos, das políticas públicas e dos direitos garantidos em lei, imprescindíveis à sua luta, os (as) quilombolas poderão exigir a garantia de seus direitos de forma efetiva, podendo assim, intervir e participar de forma mais qualificada. Assim sendo, a educação:

[...] é um instrumento privilegiado para formar cidadãos capazes de conhecer e compreender, para saber

discernir e, se necessário, mudar a sociedade em que vivem. Atentar para a composição multicultural do povo brasileiro é condição essencial quando se tem por objetivo formar alunos e professores para o exercício da cidadania (BRASIL, 2007, p. 22).

Discutir uma concepção de conhecimento para quilombolas significa pensar em uma formação curricular onde o saber instituído e o saber vivido estejam contemplados, provocando uma ruptura em um fazer pedagógico em que o currículo é visto enquanto grade, hierarquicamente organizado com conteúdos que perpetuam o poder para que determinados grupos continuem a outorgar (BRASIL, 2010).

Quilombolas estudam conteúdos completamente desvinculado de suas especificidades, muitos nem amenos entendem ou sabem sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Só sente na pele a força do preconceito racial pela sociedade brasileira, pressupondo o negro ser o contrário do branco e nada mais. Portanto as comunidades têm a necessidade urgente de que na matriz proposta se viabilize a implementação da lei n 10.639\2003 no contexto escolar. Essa implementação é um desafio para que toda a sabedoria relacionada à história e a cultura africana e Afro-brasileira se torne um conhecimento presente, efetiva e positivamente, na sala de aula para que

assim possam atuar, questionar, reivindicar e exigir respeito à sua história

Considerações Finais

Pode se observar que a pratica de benzimento, juntamente com a crença popular ainda se encontra muito viva na comunidade Kalunga Prata. É notável que a procura pelos serviços das benzedeadas são constantes pela aquelas pessoas que tem fé e que acreditam na cura através do benzimento. Isso acontece porque o povo Kalunga dessa comunidade foi criado nesse ambiente de curar pela fé e através das plantas medicinais, uma vez em que não havia a medicina científica acessível a eles.

Os católicos da comunidade acreditam no poder que as benzedeadas têm de curar através da fé, orações e ramos verdes. Sabem que são bem cuidados por essas doutoras da medicina popular.

Muitas vezes os Kalungas da comunidade Prata recorrem as benzedeadas antes de procurarem os serviços dos médicos, pois acreditam que podem ser curados por benzimentos e medicamentos naturais. Os serviços médicos só são procurados se por acaso a enfermidade não for tratada pelas benzedeadas. Nesse caso as benzedeadas são as primeiras a mandar procurar os serviços médicos se o tratamento não estiver à seu alcance.

Através das entrevistas ficou claro que para realizar o benzimento é preciso que se tenha fé, e que qualquer pessoa pode aplicar o tratamento, mas desde que se tenha fé. Pois a fé é fundamental e é o princípio de tudo para as benzedeadas.

As benzedeadas têm preocupações, e isso ficou bem explícito durante as entrevistas. Elas se preocupam, pois as novas gerações não estão interessadas em dar continuidade a esses saberes, e também porque daqui a alguns anos não vão ouvir falar dessas MULHERES que curavam pela fé, doutoras da medicina popular.

De alguma forma esses saberes tem que ser lembrados, tem que ser registrados para que não venha cair no esquecimento. A educação escolar tem como obrigação falar desse povo tradicional, falar de seus saberes e fazeres, da sua cultura, para que possam se reconhecer como herdeiros de uma ancestralidade que foi de fundamental importância para a formação do povo brasileiro e da cultura do nosso país.

A Educação do Campo é um curso que visa formar professores e gestores militantes com objetivos de que a vida dos estudantes não seja desassociada da sala de aula, ou seja, que a vida socialmente útil dos estudantes estejam interligada a educação escolar, para que assim possam se sentir dentro do processo educativo, e não mais

desvinculado do meio onde vive e do modo que vive. Nesse sentido os estudantes serão formados para a vida e não mais como mãos de obras para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BAIOCCH, Mari de Nasaré. **Kalunga: Povo da terra/Mari de Nasaré Baiocch.** – Brasília: Ministério da Justiça de Estado dos Direitos Humanos, 1999.124p.

BOING, Lucio; Stank; Marco Antonio. **Benzedeadas e benzimentos: praticas e representações no município de Ivaporã /PR (1990–2011).** São Paulo: UNESP, 2013, p.85.

BRASIL/MEC/SEF. **Uma história do povo Kalunga.** Brasília: MEC,2001.

BRASIL. **Decreto N. 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2010.

CALDART, Roseli Salet; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salet - Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo.** Caldart, R. et al (orgs.) Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

CUPERTINO, Maria Cristina,1982. **Juventude rural quilombola:**

Identificação, reconhecimento e políticas públicas.-Viçosa, MG, 2012.

DULTRA, Mara Vanessa Fonseca. **Direitos quilombolas:** Um estudo do impacto da cooperação ecumênica. Rio de Janeiro: KOINONIA presença Ecumênica e Serviço.2011.

GONÇALVES, Artur Teixeira. <http://metodologiadapesquisa.blogspot.com.br/> dia da realização da pesquisa 01\12\2014.

MARTINS, Francisco Diego Mesquita; SIQUEIRA, Josiane Gregório. **Rezadeiras mulheres importantes na cultura popular.** <http://www.ifce.edu.br/miraira/GrupoDaCulturaPopular.pdf> data: 01\12\2015.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão - Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo.** Molina, M; Sá L. et al (orgs.) Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/educacao_do_campo. Dia da realização da pesquisa 20/01/2016.

MONTE ALTO, Rosana Lacerda. **Saberes e fazeres quilombolas:** diálogos com a Saúde Coletiva) - Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília/UnB, Ceilândia, 2014.

educação do campo / Rosana Lacerda Monte Alto. – Uberaba, 2012.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho.** SP: Expressão Popular, 2011.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **Saberes, fazeres e natureza nas vozes de mulheres da Chapada dos Viadeiros.** Goiás. 2009.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. et al. **Saberes e fazeres tradicionais do cerrado:** sabão de Tingui (*Margonia Pubescens*). Brasília: DF: Decanato de Extensão/ UnB, 2012.

SILVA, Aneli Soares da. **Uso das plantas medicinais do cerrado na comunidade Kalunga,** Ribeirão dos Bois, Teresina – GO. 2013.

SILVA, Giselda Shirley da. **Um cotidiano partilhado:** Entre práticas e representações de benzedores e raizeiros -2007.

SILVA, Grasiela dos Santos: **As benzedoras na promoção da saúde da criança no município de Padre Bernardo – GO.** Brasília, 2014. Trabalho de conclusão (Bacharel em